

13 de abril de 1950

### MEIO DE SEMANA

Não estou com os anjos, nem com os demônios. Eu apenas posso viver entre os homens. E é a realidade destes que eu procuro captar e depois desdobrar com os recursos da minha arte, quando escrevo e realizo alguma coisa que pretendo apresentar como um reflexo, uma impressão, um eco suficientemente honesto do mundo que me cerca. Quando me perguntam porque desprezo a beleza que está nos lírios e, em vez de trazê-la à tona dos meus trabalhos, permaneço, ao longo de centenas de páginas, preocupado com essa ausência de dignidade que há na pobreza, com a penumbra onde desliza o crime, com a promiscuidade onde se exalta o sexo, respondo que, pelo caminho, além dos lírios, também encontrei todas essas outras coisas desagradáveis, mas solidamente reais. Minha observação é panorâmica. Vejo o mundo e os homens em sua totalidade, e em todos os momentos de sua vida. Não posso permanecer apenas na contemplação dos lírios, porque então seria parcial e me acusariam de mentiroso.

Assim devem falar os ficcionistas diante dos que pretendem que eles só escrevam coisas imorais.

Há mesmo, na atualidade, uma certa maneira de designar as coisas que acaba por mascará-las. Costuma-se dizer aos romancistas, como agora mesmo aconteceu em Cachoeira, durante uma conferência de Erico Veríssimo: *porque o senhor não escreve mais sobre o lado positivo das coisas, em vez de encher páginas com crime, sexo, miséria, etc?...* Isso é uma pergunta comum, afinal, quando um dos nossos romancistas se dispõe a responder a todas as perguntas do público, depois da conferência. Então é necessário explicar que, positivo ou negativo, no mundo, deve contar para as construções dos ficcionistas.

(2)

T 083F  
REY CLI 0342  
SIST. 59385

Se o escritor, por experiência, por espírito de pesquisa e de boa vontade, se desse ao trabalho de fazer um romance onde não acontecesse nada de mau, onde só a parte cor de rosa da vida fosse valorizada, acabaria por contar, em sua bagagem, com um romance para mocinhas, tipo cor de rosa, como há tantos.

O caso de Sartre, por exemplo, é bem típico. Porque escreveu, em seus romances, páginas de profundo realismo sobre as misérias e as grandezas da criatura humana, todo mundo se julga no direito de dizer que Sartre é um escritor imoral, geralmente sem nunca o ter lido...

As duas atitudes, a que manda ocultar tudo o que for convencionalmente contrário ao ingênuo equilíbrio da moral comum, e a que exige o rigor da análise em todos os casos, a fim de extirpar ou pelo menos revelar a miséria onde esta se encontra, são diametralmente opostas. Mas já vamos, aos poucos, nos capacitando desta verdade: é preciso mostrar ao homens as suas misérias para que eles tenham consciência das mesmas, e avancem ao menos um pouco em cada meio século, no caminho da bondade onde estão florescendo os lírios a que nos referimos antes.